



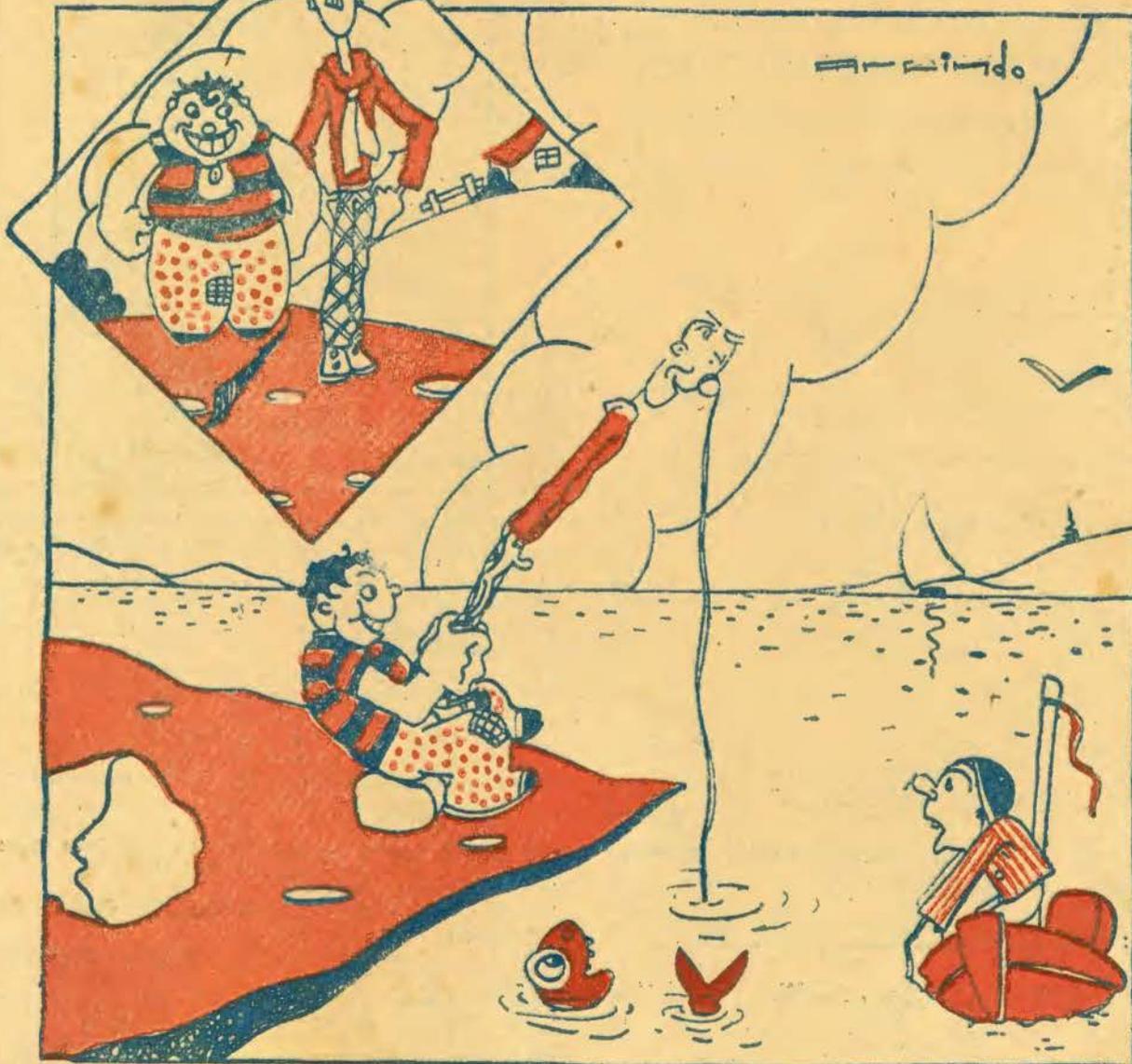
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

U M EXPEDIENTE



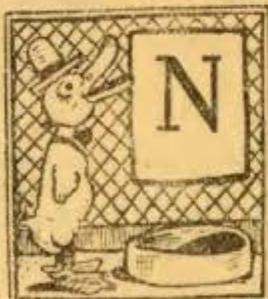
Mano Gordo e Magrizela
vão pescar para um riacho
muito perto de Vizela.
Nisto, de cara parrana,
diz mano Gordo: — «ó diacho,
lá nos esqueceu a cana»!

— «Não faz mal!» diz, todavia,
Magrizela que ao chegar
á margemzinha da ria,
— (uma das mais belas margens), —
mostra ao mano que ser magro
também tem suas vantagens.

LIMA AVENTURA

por De Fante e No Wi! West

Desenhos de Fernando



uma rica herdade do Wil-West, dores, pois ele desejava falar-lhes. Em pouco tempo, todos estavam reunidos no pátio da casa.

— Rapazes! — começou William. Como amanhã é o dia dos meus anos, dispenso-vos do trabalho e ofereço-vos um lauto jantar, às quatro horas da tarde.

Entre os servidores de William, encontrava-se um rapaz, novo e simpático, chamado Paulo Bodier, que, segundo a opinião de todas as cachopas novas, era o mais belo rapaz das redondezas. Paulo foi servir para a herdade muito novo, tendo sido sempre considerado, pelo velho William, como o melhor trabalhador. Paulo dava-se muito bem com Rosa da Campina — assim se chamava a filha de William — e era ele quem a acompanhava nos seus passeios, para a defender, caso ela fosse atacada por bandidos ou peles-vermelhas. Deste convívio resultou uma



Bob Carder, um dos trabalhadores, levantou-se e disse: — Camaradas! Hurrah pelo melhor patrão do Wil-West!

E logo várias vozes fizeram ouvir os seus hurrahs por William e sua família. Depois de terem saído todos os trabalhadores, Bob ficou e disse ao patrão que desejava falar-lhe em particular.

— Então, que me queres? — perguntou William, depois de estarem sentados ambos a uma mesa.

— Patrão, — começou Bob — gosto muito de Rosa e desejava que ma desse em casamento.

— Rapaz, — disse William — vou chamar Rosa e, se ela quiser satisfazer o teu pedido, eu não me oporei.

William mandou chamar Rosa, a qual não se demorou muito tempo, ansiosa por saber o que lhe queria seu pai. Quando este lhe fez saber o pedido de Bob, Rosa disse:

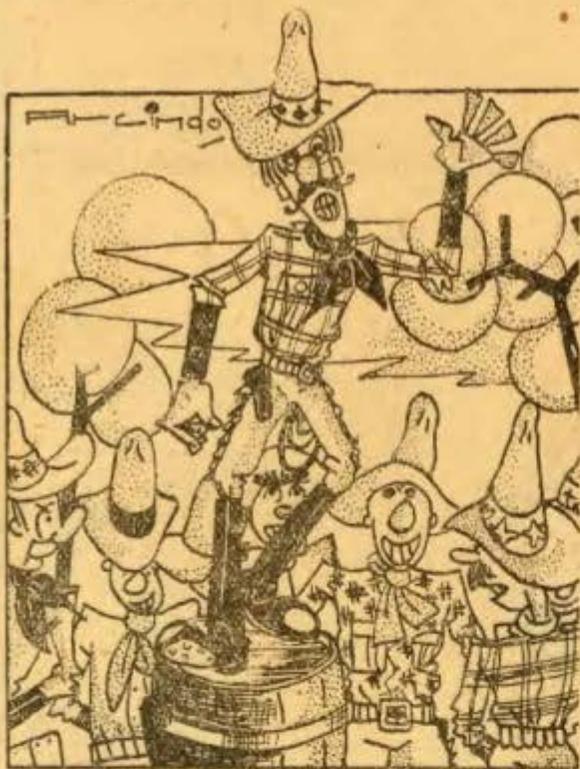
— Sou muito amiga de Bob, mas amo outro e, por isso, não posso casar com ele.

— Pois bem — replicou Bob. Tarde ou cedo eu me vingarei da recusa.

Bob saiu, de rompante, porta fora, ante o espanto de William e sua filha.

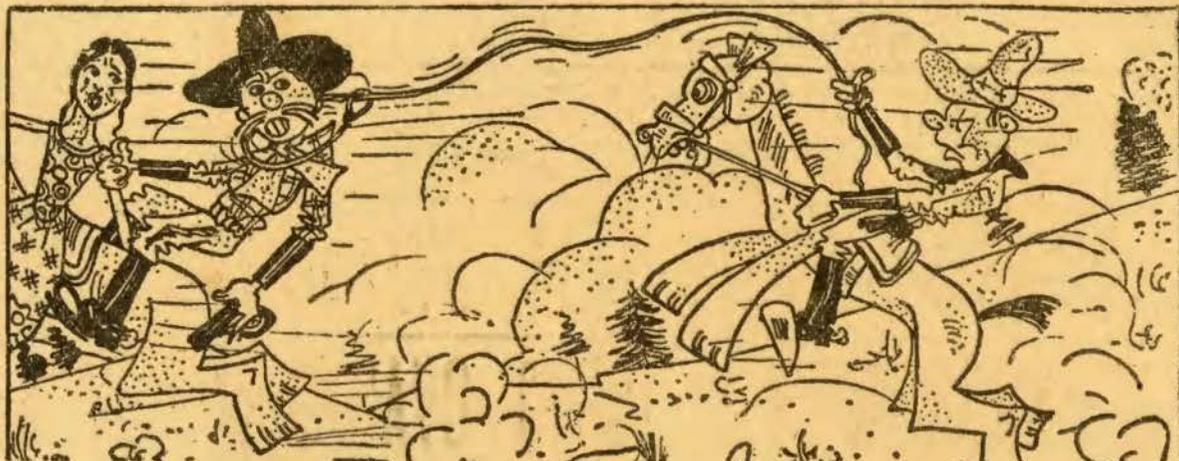
Chegou o dia seguinte, em que devia realizar-se o grande jantar oferecido aos trabalhadores. Todos na casa andavam atarefados a preparar os comestíveis para dar aos convidados, que a pouco e pouco se iam juntando no pátio.

Chegada a hora do jantar, William, satisfeito, convidou todos a sentarem-se à mesa. Depois de todos começarem a comer, William notou que Bob não está presente, sendo isso talvez devido, pensou William, a estar despedida pela recusa de Rosa.



amizade recíproca, amizade essa que não tinha passado despercebida a William. O pai de Rosa já tinha recebido numerosos pedidos para ceder a mão da filha, mas como ele entendia que a filha devia casar-se com um rapaz com boas qualidades e de quem ela gostasse, não se tinha decidido, ainda, a casá-la. Em Paulo via William um marido para a filha, com as qualidades que ele ambicionava.

Uma tarde, ao chegar a casa, William mandou chamar um criado e disse-lhe que fosse avisar todos os trabalha-



Grande é a animação que reina entre todos. Acabado o jantar prepararam-se para dançar ao som do harmonium do velho Owen, velho trabalhador da herdade. Já todos andavam a dançar quando se ouviu um tiro que por pouco não matava Paulo que se encontrava a conversar com Rosa. Todos olharam para o sítio de onde viera o tiro e viram Bob à frente de um bando de índios, dispostos a assaltar a herdade. Paulo e William agarraram nas suas carabinas dispostos a vender bem cara a vida. Todos os outros cowboys os imitaram, começando um fogo cerrado, parte a parte.

Rosa tratou de se ir refugiar no seu quarto, que ficava nas trazeiras da casa, do lado oposto aquele onde se estava a dar o combate. Bob que tinha notado a fuga precipitada da donzela, resolveu imediata-

cando, então, que a sua adorada Rosa fôra raptada por Bob. Corre a avisar William o qual manda preparar os cow-boys para perseguirem os índios e Bob.

Paulo agarra a sua carabina, monta um cavalo e corre para a floresta, seguindo as pégadas do cavalo em que Bob levava Rosa. Bob levava uma direcção diferente da dos índios para ver se enganava Paulo, mas, ao notar que era perseguido e que a distância entre os dois se tornava cada vez menor, devido ao peso duplo que levava o seu cavalo, preparou-se para, caso fôsse necessário, matar o seu inimigo.

Quando já se encontrava a vinte metros de Bob, Paulo atirou o laço e segurou Bob. Ao chegar ao pé dele soltou-o, agarrou na sua faca e preparou-se para o castigar. Começou entre os dois uma luta encarniçada, pois



mente rodear a casa, saltar pela janela, e raptá-la. Auxiliado por um pele-vermelha tratou imediatamente de pôr o seu plano em execução; dirigiu-se à janela do quarto de Rosa e, de cima do cavalo, espreitou, verificando que ela jazia no chão sem sentidos. Em poucos momentos tinha a janela arrombada e galgado para dentro do quarto. Tomou a donzela nos braços. Tornou a saltar a janela e fugiu em direcção à floresta.

Enquanto isto se passava, William, Paulo e os cow-boys, faziam grande mortandade nos índios que, em poucos momentos, fugiam em debandada. Foi o primeiro cuidado de Paulo procurar Rosa; como a não encontrasse na sala junto da mãe, dirigiu-se ao quarto, verifi-

ambos disputavam a vida. Estava Paulo quasi a enterrar a sua faca no peito do adversário, quando um pé em falso o fez escorregar e ficar debaixo do seu adversário. Em poucos segundos foi amarrado e amordaçado. Bob já se preparava para dar um tiro ao seu inimigo e continuar a fuga, quando se viu cercado por William e pelos cow-boys, os quais, não tendo conseguido agarrar os peles-vermelhas, se resolveram também a perseguir Bob.

Paulo foi desamarrado e Bob, de mãos atadas atrás das costas, teve de seguir entre os seus guardas. Ao chegar à aldeia foi julgado e condenado a ser enforcado. Paulo e Rosa casaram no meio da alegria de todos os cow-boys que, desta vez, tiveram um jantar mais descansado.

O PRINCIPE DAS NUVENS

DA TRADIÇÃO ORAL POR

TERESA MARIA CAEIRO ROGADO

DESENHOS DE ADOLFO CÂSTANÉ

HAVIA já bastantes anos, que os habitantes daquela cidade andavam assustados, porque, ali, nos arredores, estava um monstro, que todos os anos comia uma rapariga, de vinte anos, que se chamasse Maria. A filha do rei, a princesa Maria, completava-os esse ano, de maneira que teve que ir para o deserto, esperar o terrível monstro.

Pouco tempo depois de lá estar, ouviu-se um grande ruído e muitos assobios, que se vinham aproximando, até que apareceu uma serpente enorme, que se arrastou, logo, em direcção à princesa.

Maria quando a viu, teve muito medo, mas, como tinha levado grande quantidade de marmelada, atirou-lhe com um grande bocado, que a serpente devorou imediatamente, indo-se logo embora.

No ano seguinte, assim que a serpente voltou, a princesa atirou-lhe com outro bocado de marmelada, indo-se ela outra vez embora.

Assim passaram os anos, até que, naquele que era o sétimo, a serpente assim que comeu a marmelada transformou-se num príncipe muito bonito, dizendo à princesa: — «Obrigado por me teres desencantado; agora, se quize-

res ser feliz, vai para o teu palácio e dize às tuas aias, que te deixem dormir três dias, mas que quando virem ali passar um cavalinho branco a fugir muito, te chamem sem perda de tempo, para tu o seguires, pois esse cavalinho, sou eu o Príncipe das Nuvens.

A princesa foi para o palácio e disse às aias que se ia deitar, pois estava muito cansada, mas que, ao terceiro dia, quando vissem ali passar um cavalinho branco, a fôsem chamar, pois se o não fizessem, era a desgraça dela.

As aias assim fizeram.

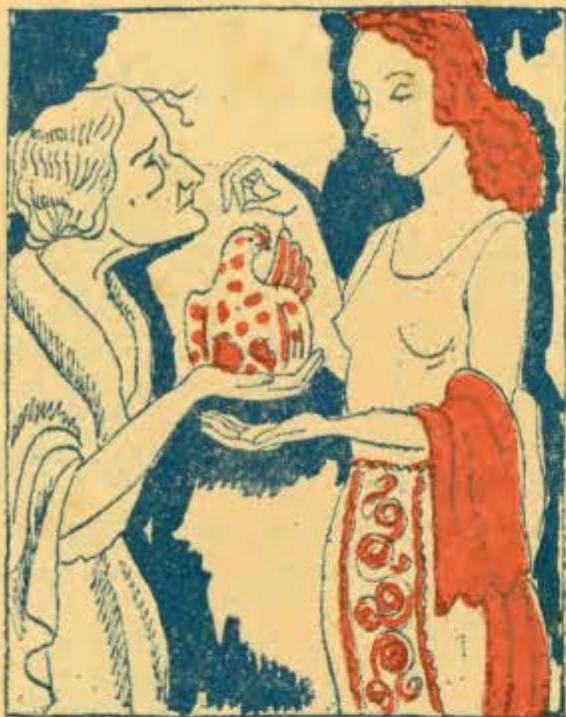
Quando viram passar o cavalinho, foram chamar a princesa, mas, como ela tinha estado sete anos no deserto sem dormir, ainda dormia profundamente, de maneira que não a acordaram.

Quando acordou, e lhe disseram que ele já tinha passado, ficou muito triste e foi correr mundo, perguntando sempre, a toda a gente, se tinham visto passar o príncipe das Nuvens.

Ninguém lhe sabia dar notícias dele, até que, depois de andar muito sem encontrar ninguém, viu uma casinha isolada, muito asseada e bonita, no cimo duma montanha.

Bateu à porta e veio uma velhinha que lhe disse: — «O que queres, minha menina?»





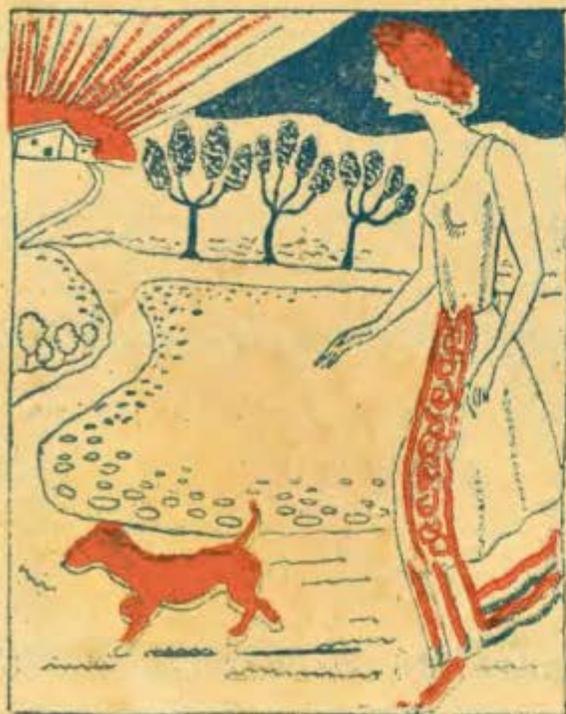
— Saber-me-hás dizer bôa velhinha, se passou por aqui o príncipe das Nuvens?

— Não, minha menina, não sei, mas talvez a minha filha que é a Lua, te saiba dizer. Entra e esconde-te aqui detrás da porta, para ela não te ver, pois é muito má. Passado pouco tempo, entrou a Lua em casa, perguntando logo à mãe quem estava lá.

— «Ora filha, é uma menina que vem à procura do príncipe das Nuvens, e, como eu não sabia aonde ele estava, disse-lhe que esperasse, pois podia ser que tu soubesses».

— «Eu não sei — (respondeu a Lua) — quem deve saber é o Sol».

A velha foi dizer à princesa o que a Lua tinha dito, e deu-lhe uma galinha com pintalinhos em ouro, dizendo-lhe



que, pondo-a no chão, a seguisse, pois assim chegaria a a casa do Sol.

A princesa, saía dali muito triste, seguindo sempre a galinha, até que, no outro dia, á tardinha, viu uma casa, lá muito ao longe, que nem se podia fitar, pois era tão brilhante, que feria a vista. Quando lá chegou, bateu à porta, e veio uma mulherzinha que lhe perguntou o que queria.

— «Venho à procura do príncipe das Nuvens. Saber-me-hás dizer onde ele está?»

«Eu não, minna menina; só se o meu filho souber, mas ele é tão mau...

— «Não far mal — (respondeu a princesa) — eu escondo-me onde ele não me veja».

A princesa escondeu-se, sentindo daí a pouco tempo, muito calor, e pôs-se tudo tão claro, que teve de fechar os olhos, para não cegar com tanta luz.

Vinha o Sol a entrar.

A mãe, disse-lhe quem estava ali e o que queria; e logo ele respondeu:

— «Eu não sei do príncipe das Nuvens, mas, talvez o Vento saiba, pois corre mais do que eu».

Quando a princesa se ia embora, a mãe do Sol deu-lhe um cãozinho de marfim, dizendo-lhe: — Para irés a casa do Vento, põe este cãozinho no chão e vai sempre para onde ele quiser.



A princesa partiu e foi seguindo o cão, que parou perto duma casa muito feia, toda caída, tendo em volta muitas árvores, arrancadas. Parecia ter passado por ali um furacão.

Sentada á porta, estava uma velha toda despenteada e muito feia, que lhe perguntou o que queria.

A princesa indagou se sabia do príncipe das Nuvens, ao que ele respondeu que não, mas, talvez o filho que era o Vento, soubesse; ele não se demoraria muito e então lhe perguntaria.

Pouco depois o Vento, atirando logo com os restos da casa e muitas árvores, perguntou, muito rangado, á mãe, quem era que tinha em casa.

— «Ai! filho, não te zangues. É uma menina, que vem á procura do príncipe das Nuvens, e como eu não soubesse d'ele, disse-lhe que esperasse, pois bem podia ser que tu soubesses».

— «Então, não hei-de saber?! Ainda hoje eu lá passei e atirei com a farinha comi que estavam fazendo os bolos, para o casamento d'ele com a princesa Helena, do reino da Fantasia. Se queres lá ir, leva este varilho d'ouro e pedras preciosas, que te tornará invisível, e, que, pondo-o ao vento, deves seguir sempre para o lado que voar o fio».

A princesa, partiu logo, muito contente, vestiu um fato

«ZE» TEMUDO e «ZE» GAIO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

O «Zé» Temudo e o «Zé» Gaio são condiscipulos. Temudo tem por alcunha Zé Mudo e o Gaio: — «Zé» Papagaio.

O «Zé» Temudo ou «Zé» Mudo sempre muito concentrado raro conversa. Contudo, «Zé» Gaio ou «Zé» Papagaio, com seu ar enfatuado, entre as senhoras vizinhas, discutindo sempre tudo, fala fala as estopinhas.

Este Gaio papagaio, com seu ar comicieiro, discutindo, a toda a hora, a Monarquia, a República e tudo quanto éle ignora, lembra-me um pantomimeiro no meio da praça pública.

Porém, o nosso Temudo, conhecido por Zé Mudo, com seu ar bastante chôcho, sempre bisonho, calado, faz lembrar soturno môcho, parece um gato pingado.

Meus meninos, pequeninos, para quem isto escrevi, digam-me cá se desejam

ter a exp essao que éles trazem?! Mas antes ponham aqui os vossos olhos e vejam a figura que éles fazem.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



de camponesa e assim que lá chegou, pôs-se em frente do palácio a dar de comer á galinha de ouro.

A princesa Helena que estava numa varanda do palácio, viu-a, e gostou tanto da galinha, que mandou logo perguntar-lhe se a queria vender.

—«Não a vendo, dou-a á princesa, se me deixar falar ao principe das Navens».

A princesa disse-lhe que sim e mandou-a entrar para uma sala, onde, daí a pouco, entrou o principe.

Maria, assim que o viu entrar, pegou no sarilho que o vento lhe déra, e pôs-se a cantar dizendo: — «Sete anos estive naqu'le deserto, água que me qu'brava os ossos, relâmpago que me atormentava... Ouviste tirano?»

O principe como não via ninguém e ouvia aquela voz, ficou intrigadissimo, mas não disse nada, e foi se embora.

No outro dia, a princesa Maria, pôs-se outra vez em frente do palácio, com o cãozinho de marfim,

A princesa Helena assim que o viu, mandou perguntar-lhe se o vendia, mas Maria respondeu que não o vendia, porém dava-lhe se a deixasse falar outra vez ao principe. Disseram-lhe que sim e mandaram-na entrar para a mesma sala, onde, passado pouco tempo, entrou o principe, que não vendo ninguém e ouvindo a mesma voz do outro dia, se foi logo embora.

No outro dia, quando a princesa chegou á janela, via-a outra vez em frente do palácio, dobando meadas, com um sarilho de ouro e pedras preciosas.

Gostou tanto d'ele, que mandou logo perguntar-lhe se o queria vender, ao que ella respondeu: — «Não lho vendo, também lho dou, se me deixar falar ainda hoje ao principe das Navens».

A princesa estranhou muito os pedidos da mulherzinha; mas, mandou-a entrar e como ella já não tinha o sarilho que a tornava invisivel, o principe, quando a viu, conheceu-a immediatamente;

A princesa Maria foi-se embora, mas, na véspera do casamento, quando estavam ao jantar, lembraram-se de contar histórias, e o principe tambem contou esta: — Meus senhores, eu tinha um baú, ao qual se lhe perdeu a chave. Mandei fazer outra, mas, depois de estar feita, appareceu a velha. Agora peço-lhes para me dizerem de qual me devo utilizar. Da nova ou da velha?

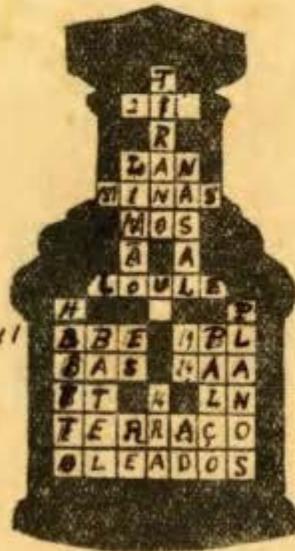
—Da velha — responderam todos.

—Pois então, a minha noiva é a primeira que eu tinha perdido e agora encontrei. E, dizendo isto, safu do palácio, foi para o reino da princesa Maria, casou com ella, e foram sempre muito felizes.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

Hora de Recreio

PALAVRAS CRUZADAS



HORISONTAIS:

2, Quantidade numérica, 4, Espécie de fazenda, escrita em ortografia antiga. 6, Lugares subterrâneos donde se extrai o ouro. 7, Pedras redondas e chatas para moer. 8, Vogais. 9, Vila algarvia muito popular. 10, Consoantes. 11, *Podre* em francês. 12, Meias em francês. 13, Pronome ingles. 14, Vogal. 15, Especie de varanda. 16, Paaos impermeáveis para cobrir mesas.

VERTICAIS

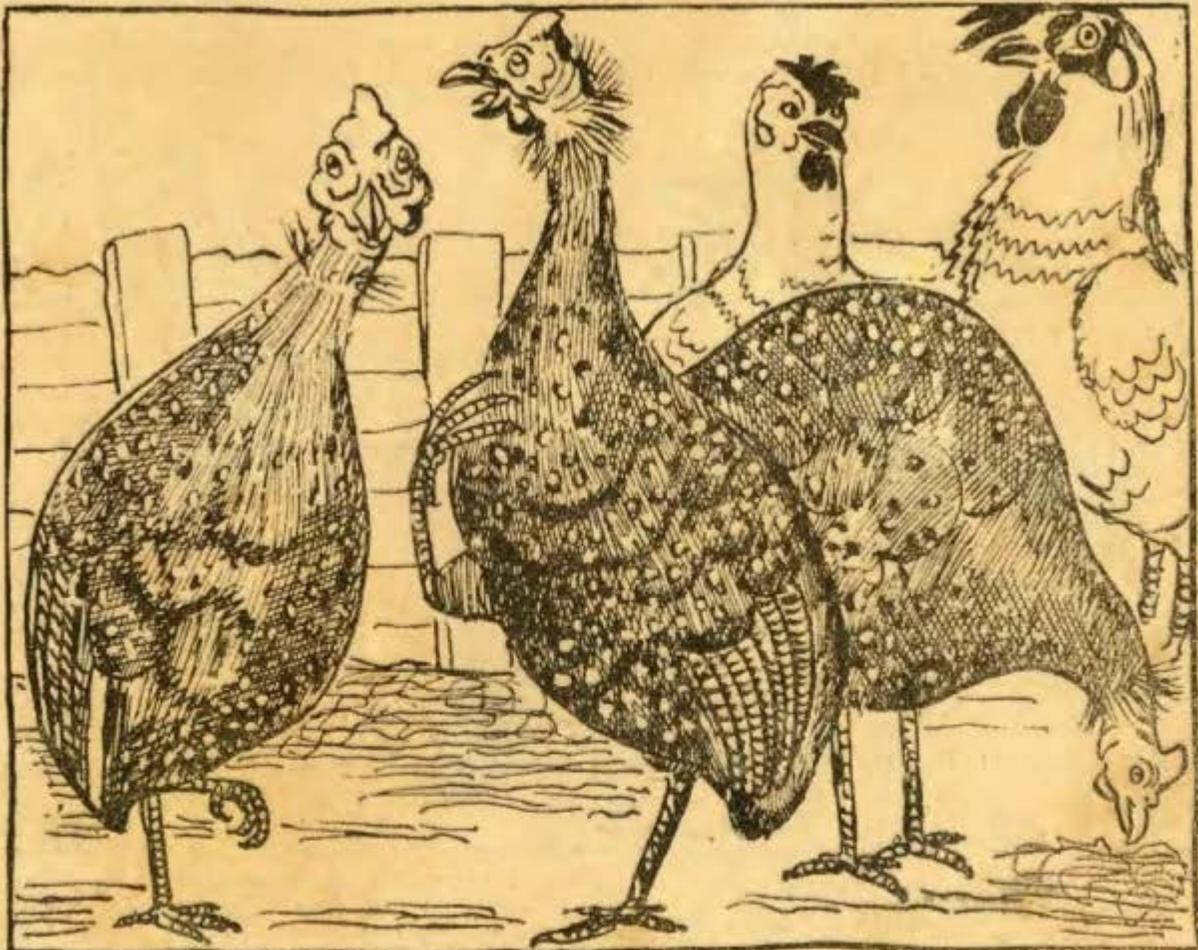
1, Cruel. 4, Fruto do limoeiro. 5, Pronunciado pelo nariz. 10, Costume. 20, Estrado. 21, Raminantes. 22, Nota musical. 23, Prefixo. 17, Canôa. 18, T. verbo SER. 19, T. de verbo.

Galeria de Honra



Auto caricatura de ARCINDO MADEIRA

PARA OS MENINOS COLORIREM



A LENDA DO FIM DO ANO



I — Diz a lenda: — Quem comer doze bagos de uva, ao som das badaladas que der a meia noite do dia que o fim do ano anuncia, terá um ano mui bom!

II — Ora o Chico e sua irmã vendo as uvas que p'ra tal, fóra comprar a mamã, põem-se logo a pensar como hão-de desempenhar a missão tradicional.



III — E após grande discussão se há tempo para tal fim, — (pois o Chico diz que não e a maná afirma que sim), —

IV — resolvem exp'rimentar, imitando as badaladas e começando a provar as uvas tão cobiçadas.



V — Tal exp'riência fizeram naquele grato serviço, que as uvas todas comeram sem mesmo darem por isso.

VI — E ao chegar a meia noite, tanto a maná como o mané, começaram logo o ano por levarem seu açõite!